

SOBRE A HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL DA HUNGRIA



István Monok

Tradução de Antonio de Padua Danesi

Para um exame atento das origens da Biblioteca Nacional da Hungria devemos ter em mente um fato: é que era impossível estabelecer, na região da Bacia dos Cárpatos, nos séculos xvi e xvii, uma coleção desse tipo, comparável, do ponto de vista da riqueza de seu material, da novidade das tendências intelectuais representadas e da influência exercida sobre o ambiente, comparável, como disse, às dos príncipes eleitores alemães ou dos soberanos europeus. Em contrapartida, certamente a extensão das leituras de determinados membros das famílias aristocráticas húngaras era comparável à de seus pares europeus. ¶ É igualmente importante sublinhar que, na Hungria, os membros da aristocracia e da Igreja não estavam em posição de decidir à vontade seu modo de vida e a orientação ou a orientação das coleções de livros que desejavam montar. Com efeito, as possibilidades de aquisição de livros eram extremamente restritas: os livros produzidos no local eram pouco numerosos, e o comércio de livraria estava apenas em seus primórdios. Conhecemos apenas alguns de comerciantes da Alta Hungria e da Transilvânia que se ocupavam também do negócio de livros, mas sua atividade tinha por alvo principal o público burguês das cidades. Os agentes das livrarias estrangeiras (sobretudo as de Viena, Alemanha do Sul ou Itália do Norte) que mantinham contato regular com as famílias aristocráticas húngaras não se deparavam com nenhuma concorrência real. Já os estudantes enviados à “Europa” às expensas de determinadas famílias aumentam com certeza as bibliotecas familiares, o que é parte de sua função, mas introduzem aí a marca de seu gosto, da direção dos seus estudos e da extensão e caráter de sua cultura. Esse estado de coisas só vai mudar fundamentalmente na segunda metade do século xviii, e a evolução perdurará até a época do compromisso

austro-húngaro (1867): essa época irá assistir ao desenvolvimento, na Hungria, de um comércio organizado do livro comparável ao dos países da Europa Ocidental.

Na Hungria dos séculos XVI-XVII, ainda não existe biblioteca particular que cumpra a função de representação das bibliotecas de corte e de castelo do século XVIII. Com efeito, podemos observar, na segunda metade do século XVII, uma mudança nos hábitos “livrescos” dos membros da aristocracia húngara que vivia na corte imperial de Viena, quando alguns nobres começam a reunir livros não mais unicamente por seu conteúdo, mas também pelo prazer de colecionar. Na mesma época, com exceção da Transilvânia, a biblioteca aristocrática tende a se fechar em si mesma, deixando de ser facilmente acessível a todos aqueles que gravitam em torno da corte principesca, como notadamente eclesiásticos e professores: estamos pensando na biblioteca de Ferenc Nádasdy (1623–1671) em Potendorf, ou nas de Pál Esterházy (1635–1713) em Kismarton e em Fraknó.

No reinado da casa de Habsburgo, as possibilidades econômicas e o espaço político do reino da Hungria eram determinados, principalmente, pelo fato de ter sido sob a direção de um soberano estrangeiro que a Hungria conseguiu libertar-se do domínio turco. Mas, nos reinados de Carlos III, Maria Teresa, José II, Francisco I e Fernando IV (1711–1849), os interesses imperiais rechaçam cada vez mais os interesses húngaros para um segundo plano: as tensões que daí decorrem levarão no final, em 1848–1849, à explosão de uma luta violenta em favor da independência. No curso do século XVIII, as aspirações separatistas, a consciência de uma identidade cultural e a rede de instituições culturais (escolas, bibliotecas e casas de impressão) das nacionalidades que vivem na Bacia dos Cárpatos se fortalecem cada vez

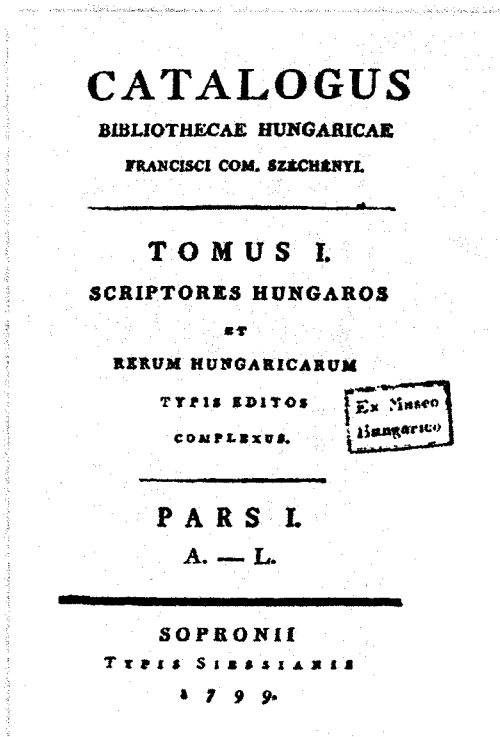
mais. Depois, na primeira metade do século XIX, os movimentos, a princípio culturais, assumem um perfil político cada vez mais acentuado: eles é que estabelecerão, na virada dos séculos XIX–XX (1867–1914), a separação entre a Hungria e o Império Habsburgo.

A característica mais importante da história religiosa do século iniciado com a expulsão dos turcos da Hungria reside no fato de que, mantida pelo Estado, a Igreja católica recupera rapidamente suas posições nos campos religioso, econômico e político, e em todos os setores da vida cultural. Os dois arcebispados (Kalocsa e Esztergom) reconstroem primeiramente a rede de bispados medievais: no último terço do século XVIII assistir-se-á à criação de uma série de novas sedes episcopais antes do estabelecimento, em 1804, do arcebispado de Eger (Erlau). A característica dos ataques sofridos pelas igrejas protestantes muda no final do século XVII: embora não ocorra nenhuma perseguição propriamente dita, no entanto impede-se o bom funcionamento das igrejas por diversos meios. Do ponto de vista cultural e, portanto, da história das bibliotecas e da leitura em geral, o ponto mais importante é a dificuldade de renovação da *intelligentsia* protestante, principalmente da parte do clero. A margem de ação das famílias aristocráticas protestantes limita-se enormemente, enquanto diminui sua influência na vida política e econômica. Isso significa que a situação econômica dessas famílias já não é suficiente, de modo geral, para criar vastas coleções de livros. O lugar das Igrejas gregas uniata e ortodoxa limita-se de fato à política das nacionalidades da casa de Habsburgo, política facilitada pelo fato de a maioria dos membros dessas comunidades serem romenos ou sérvios, e isso se resumirá sumariamente na fórmula *divide et impera*.

As bibliotecas episcopais e arquiépiscopais constituem desde sempre a espinha dorsal da

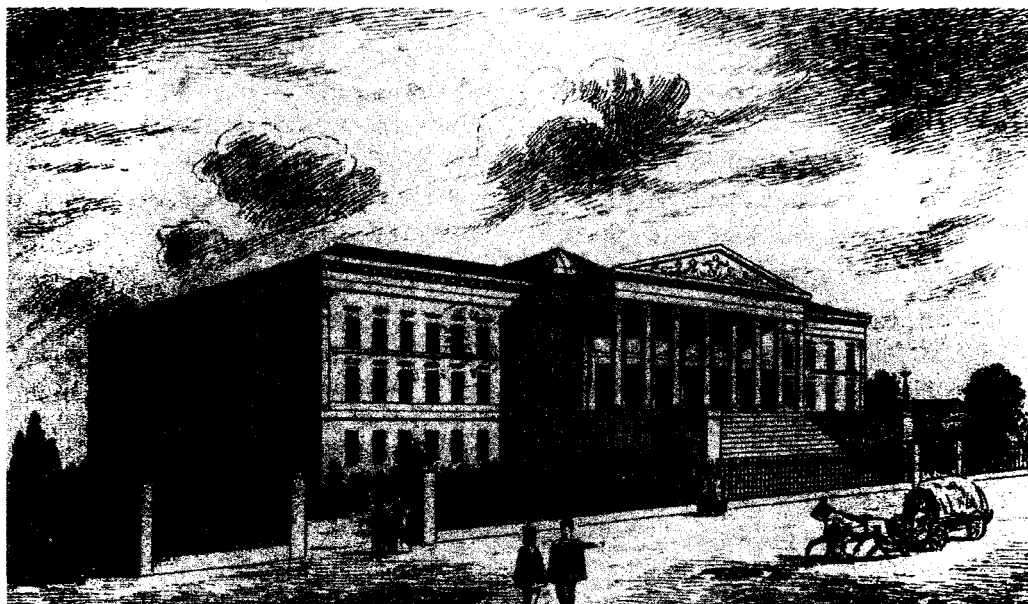
rede das coleções institucionais. No decurso do século XVIII, são reforçadas as mais antigas – Esztergom, Kalocsa, Pécs, Eger, Gyulafehérvár, Gyöt, Vác e Veszprém – e criadas novas em Szombathely e em Székesfehérvár. Nos séculos XVIII e XIX, portanto, se estabelece a estrutura da rede de bibliotecas que ainda hoje funciona: após a expulsão dos turcos, as diversas Igrejas fundam bibliotecas dentro de seu sistema de instituições culturais e os organismos culturais laicos organizam suas primeiras bibliotecas em torno das bibliotecas eclesiásticas. Coletar livros tornou-se um novo hábito nos círculos da aristocracia e, de modo geral, a história do livro e da leitura registra mudanças fundamentais na virada dos séculos XVII–XVIII: as camadas sociais que existem então na Hungria, como em outras regiões fora dos centros, já não conseguem acompanhar as mudanças que se efetuam nos países da Europa Ocidental. São gastos os recursos de que dispõem as bibliotecas (salvo as de algumas famílias aristocráticas), e todas se encontram na impossibilidade de acompanhar a oferta existente no mercado do livro europeu: este fenômeno tem consequências no leque das leituras da burguesia de língua húngara e da pequena e média nobreza.

Unicamente com o fortalecimento da burguesia urbana, no início do século XIX, será criada uma série de instituições culturais laicas (cassinos, academias, círculos de leitura etc.). O próprio Estado, por meio das reformas de Maria-Teresa e de José II (1740–1790), estimula o desenvolvimento de uma vida cultural e de um sistema educativo menos dependentes das Igrejas e a criação de bibliotecas laicas. As bibliotecas mais importantes do ponto de vista do desenvolvimento da coleção e da bibliofilia são as pertencentes a cientistas ou a aristocratas: conservamos catálogos e descrições detalhadas da maioria dessas bibliotecas aristocráticas, as quais muitas vezes se tornaram instituições



Catalogus Bibliothecae Hungaricae Francisci Com[itis] Széchényi (I: Scriptores Hungaros et Rerum Hungaricarum Typis Editos Complexus. pars I: A–L), Sopron, Typis Siessianis, 1799.

públicas. A Teleki-téka, fundada em 1803 por Sámuel Teleki (1721–1822), ainda hoje funciona como biblioteca central para a população transilvana de língua húngara. Podemos citar ainda a Biblioteca Nacional dos Saxões da Transilvânia, criada em 1803 com base na coleção particular de Sámuel Brukental (1721–1803). Outras grandes bibliotecas de famílias transformaram-se em instituições públicas, às quais acabaram por integrar-se: a biblioteca de József Teleki e de sua esposa Kata Bethlen enriqueceu os acervos do Colégio Reformado de Nagyenyed (1759), e a coleção dos Festetics passou a integrar a biblioteca do Georgicon (a partir de 1797). József Teleki fundou a Biblioteca da Academia Húngara de Ciências (1826), a biblioteca dos Ráday em Pécel foi transferida para a Academia Teológica Reformada (1862) etc.



O Museu Nacional da Hungria em 1846 (na época, o Museu Nacional englobava igualmente a Biblioteca Nacional como um de seus departamentos).

Evidentemente, a situação das personalidades científicas do século XVIII tornou-se mais favorável: o comércio do livro acha-se menos organizado, enquanto se multiplicam as tentativas de criar uma academia ou uma “sociedade de ciências”: a fundação, em 1828, da Academia Húngara de Ciências será o resultado desses esforços. Podemos dizer que praticamente todas as bibliotecas dos grandes intelectuais enriqueceram uma ou outra das bibliotecas públicas e, a partir do século XIX, a Biblioteca Nacional ou a da Academia de Ciências. Esse fenômeno demonstra também o quanto essas personalidades contribuíram para o desenvolvimento cultural da Hungria de forma consciente e responsável. A ideia da fundação de uma Biblioteca Nacional Húngara nasceu dentro da sociedade científica em paralelo com a da criação de uma Academia de Ciências, quando as famílias aristocráticas assumem naturalmente a tarefa que seria de um soberano “nacional”.

O conde Ferenc Széchenyi (1754–1820) nasceu numa das famílias mais ricas do país,

cujos domínios estão situados essencialmente na Hungria ocidental. Széchenyi se dedica a uma carreira política: após estudar no Theresianum de Viena, faz uma viagem de estudos de dois anos pela Europa, durante a qual visita a Boêmia e os Estados alemães, a Holanda, Inglaterra e Itália. Ao voltar, funda duas bibliotecas, uma em Sopronhórpács e outra no Castelo de Nagycenk. Seus bibliotecários privados são József Hajnóczy (1750–1795) e depois Mihály Tibolth (1765–1833). Em 1802, oferece transformar sua biblioteca pessoal em Biblioteca Nacional (*Bibliotheca Regni-colaris*) e recebe a autorização imperial para fazê-lo em 26 de novembro de 1802. A edição do catálogo da biblioteca teve início em 1799 e são impressos suplementos em 1803 e 1807. Após a fundação de 1802, Széchenyi continuará a aumentar sua coleção, que à sua morte contará mais de vinte mil documentos, entre os quais seis mil cartas. Tem um duplo objetivo: de um lado, reunir os documentos de autores húngaros ou relativos à Hungria e, do outro, colocar à disposição dos inte-



O Conde Ferenc Széchenyi (1754–1820), retrato em roupa de gala por Johann Ender, 1823 (Biblioteca Nacional da Hungria, Budapeste).

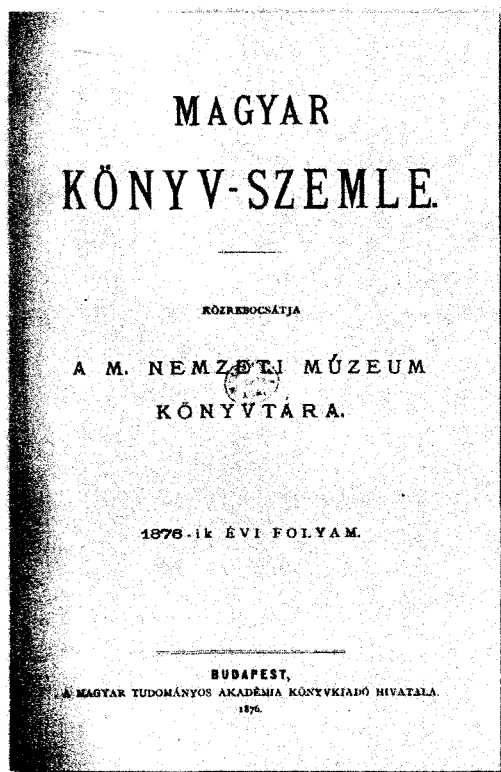
lectuais e homens de ciências húngaros as obras necessárias para o conhecimento dos trabalhos europeus da época.

Vários grandes aristocratas e *savants* seguem-lhe o exemplo e enriquecem a coleção com doações às vezes consideráveis. O ancestral do conde István Illésházy (1762–1838) tinha recebido suas cartas de nobreza no século xvi. A Biblioteca Illésházy, reunida no Castelo de Trencsén e catalogada em 1603, é um testemunho do amor desse nobre pelos livros. Quando perde os bens e favores junto ao imperador por lhe ter-se oposto, sua família é obrigada a retomar o processo a partir do zero. Os laços de sangue entre os Illésházy e os Thurzó lhes são de grande ajuda nessa empresa, uma vez que György Thurzó (1567–1616) exercia a função de palatino (vice-rei) da Hungria na primeira metade do século xvii. A família Illésházy estabeleceu sua residência principal em Dubnic

(condado de Trencsén), onde a biblioteca familiar aumentou de geração para geração: em 1792, por ocasião de uma reorganização da biblioteca contava oito mil volumes.

Em 1835, István Illésházy decide enriquecer a Biblioteca Nacional Húngara fazendo a doação de sua coleção, que apresenta como fato particular ter sido constituída na própria Hungria e ser o fruto de uma busca constante desde o século xvii (não foi adquirida numa venda em leilão, nem foi engrossada por heranças importantes). Seus elementos mais notáveis provêm da biblioteca do palatino György Thurzó (1567–1616): mencionemos aqui o *De re uxoria* (*Da Vida Conjugal*) de Francesco Barbaro, ou ainda a obra de Pietro Ransano, *Codex Ransanus*, escrita em homenagem de Mátyás Hunyadi (Mathias Corvino), mas que, com a morte do rei (1490), o autor traz consigo para Nápoles. Essa obra entra na posse de György Thurzó depois de ter passado pelas mãos de diversos donos durante o século xvi, até chegar ao poder de Gáspár Illésházy (1593–1648). No final do século xviii, será adquirida por Miklós Jankovich, que mais tarde venderá seus livros à Biblioteca Nacional.

Miklós Jankovich (1732–1820) reuniu, na segunda metade do século xviii, uma coleção bastante considerável, na casa de seu pai em Pest, mas foi seu filho quem fez as aquisições propriamente bibliofílicas. Mostra particularmente grande interesse pela história húngara, de tal modo que seu entusiasmo, que beira a monomania, coloca em perigo até mesmo as finanças da família. Sua primeira aquisição importante é a biblioteca de Carolus Wagner, um historiador residente em Pest. Compra em seguida parte dos acervos de médicos, juristas, eclesiásticos de diversos credos ou de proprietários de terras. No curso dessas compras apaixonadas, faz grande esforço para adquirir as publicações mais raras e, sobretudo, os manuscritos de



Magyar Könyv-Szemle... (= Revista Húngara de Livros), 1º ano, Budapeste, Tudományos Akadémia Könyvtárközlöny Hivatala, 1876.

“obras-fontes” inéditas da história húngara ou que fizessem referência à história da cultura em geral. Conseguiu igualmente o testamento original de Martinho Lutero (provindo da sucessão de Johann Benedikt Carpszov), bem como vários *Corvina*, entre os quais o *Codex Ransanus* proveniente da Biblioteca Illésházy e a biografia de Alexandre Magno, escrita por Curtius Rufus. Jankovich é o autor da bibliografia dos livros publicados na Hungria antes de 1830, que no entanto ainda continua inédita. Em 1824, oferece à Biblioteca Nacional a compra de sua coleção por dois terços do valor real, mas a transação somente se deu em 1832: suas contínuas aquisições esgotaram as finanças da família, que só foram restabelecidas com a venda da coleção. Mas a paixão logo voltou a dominá-lo, e volta a colecionar livros para

montar uma nova biblioteca. Entretanto, foi à falência em 1844 e, interditado pela justiça, tenta vender a nova coleção à Biblioteca Nacional. Sua família será obrigada a vender a retalho antes de proceder a uma venda pública em leilão em 1852.

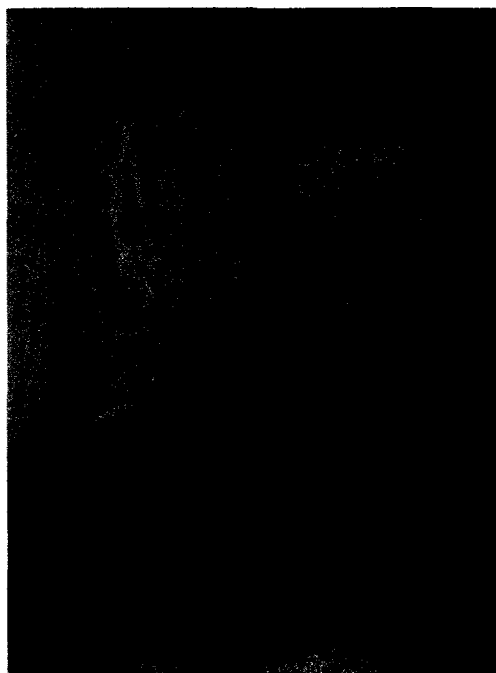
A Biblioteca Nacional Széchényi constitui antes de tudo um dos elementos do Museu Nacional: a lei que criou este museu, em 1808, definiu a Biblioteca como sendo do Museu Nacional, de sorte que as duas instituições passam a ter uma história comum até 1949. Em 1846 as coleções foram instaladas em locais mais adaptados, no Múzeum körút (bulevar do Museu). A biblioteca é confiada, sob a autoridade do diretor do Museu, a um “guarda da biblioteca”. Esses guardas da biblioteca – nomeados diretores mais tarde – eram escolhidos entre as personalidades eminentes da vida científica húngara e seu trabalho aparece ligado ao enriquecimento da coleção. O jurista Jakab Ferdinánd Miller (1803–1815) é o autor de importante trabalho sobre a organização e o funcionamento da Biblioteca, bem como sobre o regulamento do Museu Nacional. O historiador István Horváth (1815–1846) leva a bom termo as primeiras grandes aquisições da Biblioteca, mas é também sob sua gestão que ela sofre a grande inundação de Pest (1838). Os livros da Biblioteca são organizados no grande edifício sob a direção do musicólogo Gábor Mártay, mas a Biblioteca não tem mais condições de receber leitores entre 1838 e 1866. O primeiro departamento próprio da Biblioteca, o dos Manuscritos, é criado em 1860 e mais tarde, em 1865, o dos Impressos Antigos (séculos xv–xvii).

Durante o mandato de József Eötvös no Ministério da Cultura, a Biblioteca se investiu de um papel importante na política cultural; sua função ampliou-se e, ao lado da aquisição e conservação de documentos que tinham relação com a Hungria, foi dada



Ex-libris do Conde Széchenyi, Pest, 1874.

grande importância ao trabalho de pesquisa e organização científica do material reunido. Os novos diretores, o bispo e historiador Vilmos Franknói (1875–1879), o historiador e arqueólogo Béla Majláth (1879–1893), o historiador da literatura e bibliógrafo József Szynnyei (1893–1894) e o historiador László Fejérparaky (1894–1919) se esforçam para aumentá-la, para abri-la a um público maior e para aprofundar o trabalho científico que nela se realizava. Franknói funda a *Revista Húngara do Livro* (1876), uma das mais antigas revistas especializadas no domínio da história do livro. No fim de seu mandato como diretor, conseguiu junto à Assembleia Nacional que o orçamento da Biblioteca fosse inscrito dentro do orçamento geral do Estado. Szynnei, durante seu curto mandato, organiza a criação do Departamento de Periódicos (1884), o qual, com mais de trezentos e trinta mil unidades, constitui uma fonte histórica primordial. Sob a direção de Fejérpatak, é introduzido na Hungria o sistema de depósito legal dos impressos, o que garante a partir daí a conservação de toda a produção impressa do país. Igualmente sob sua direção é que a coleção de livros antigos de Gyula Todoreszku e sua esposa Aranka



Retrato do Conde Sándor (Alexandre) Apponyi.

Horváth (a coleção particular mais rica da época) é oferecida à Biblioteca.

A doação importante que vem a seguir é a coleção de livros referentes à Hungria e publicados no estrangeiro, coleção pertencente a Sándor Apponyi – uma das mais consideráveis até hoje: foi integrada à Biblioteca Nacional em 1925, sob a direção de Imre Lukinich (1924–1929). Um ano antes, em 1924, é organizado o Departamento de Música. Em 1929, consegue-se introduzir uma mudança no decreto sobre o depósito legal dos impressos, o que permitiu o estabelecimento de uma política mais estruturada de aumento dos impressos sob a direção do linguista Emil Jakubovich (1929–1934) e de József Fitz (1934–1945). Um dos resultados



*Vista da biblioteca
de Kezsthely.*

dessa mudança foi a formação dos Departamentos de Estampas (1935) e depois o dos Mapas Geográficos (1935). A organização dos documentos é igualmente adaptada às normas internacionais, e assim a Biblioteca passa a ser capaz de oferecer os serviços regulares e planejados que caracterizam os serviços biblioteconômicos modernos.

Em 1929, a Biblioteca Nacional Széchényi torna-se uma instituição independente, e o leque de suas tarefas amplia-se consideravelmente. O acervo dos impressos, que passa a incluir os livros aparecidos desde 1601 e os publicados na Hungria depois de 1712, aumenta rapidamente em consequência das mudanças nos decretos relativos ao depósito legal. Inúmeras doações e a compra de coleções importantes contribuem enormemente para esse desenvolvimento: as bibliotecas de János Batsányi, Sándor Kossuth, Imre Madách ou de Miklós Zsitai formam uma documentação inestimável não só sobre suas diferentes personalidades, mas também para o conhecimento da cultura do meio intelectual húngaro dos séculos XVIII–XIX. O acervo

de livros impressos conta hoje com dois milhões e meio de unidades.

O Departamento de História do Teatro é criado em 1949, e seu quadro regulamentar estabelecido em 1952. O de Microfilmes, criado na época, garante hoje, com seus cem milhões ou mais de clichês, o acesso público a documentos declarados protegidos sob sua forma original. A restauração, como atividade independente da Biblioteca, é introduzida em 1964, de modo que a Biblioteca possui hoje uma das melhores equipes de restauradores especializados do mundo. Criado em 1986, o Departamento de “Entrevistas Históricas” reúne filmes documentários e reportagens de temas atuais televisados na Hungria ou que tenham relação com o país. O valor histórico das entrevistas com personalidades da vida cultural, científica, política e econômica húngara é inestimável e adquire uma importância grandiosa para a pesquisa histórica. É igualmente este departamento o responsável pela coleta e organização dos filmes e videocassete. O último departamento da Biblioteca viu a

luz em 2000: trata-se do Departamento de Arte Fotográfica Contemporânea, que possui igualmente uma dimensão artística certa.

A partir de 1953 é lançada a nova série das bibliografias nacionais húngaras, estabelecidas de acordo com as normas modernas e continuadas com regularidade. A Biblioteca constitui um dos centros e organizadores principais do sistema de documentação e informação desenvolvido na Hungria durante os últimos cinquenta anos. Concede uma atenção toda especial à organização, ao registro bibliográfico e, evidentemente, à aquisição de documentos que tenham relação com a Hungria, mas foram publicados fora do país. Com a nacionalização das bibliotecas eclesiásticas e aristocráticas (1949–1952), a Biblioteca Nacional recebeu o encargo de conservá-las: mais tarde, foram devolvidas a seus proprietários originais ou aos sucessores destes, ou funcionam como bibliotecas independentes, como, por exemplo, com os cistercienses de Zirc, os franciscanos de Gyöngyös ou a Helikon em Keszthely. Em 1952, foi criado na Biblioteca Nacional o Centro de Metodologia e de Ciência do Livro. Após ser reorganizado, funciona desde o ano 2000 sob o nome de Instituto da Biblioteca, e sua coleção de bibliotecono-

mia e de história do livro é uma das mais importantes da Europa: ela contribui no segundo plano com o trabalho de ajuda e manutenção realizado pelo Instituto dentro da rede de bibliotecas húngaras.

A Biblioteca Nacional Széchényi foi transferida para sua sede atual no Palácio Real de Buda em 1965, porém mesmo esse edifício suntuoso se revela pequeno demais para acolhê-la. Os problemas de estocagem não são resolvidos pelo desenvolvimento informático lançado na década de 1970. O registro bibliográfico nacional e os catálogos da Biblioteca são hoje acessíveis à distância. Em 1990, a Biblioteca Eletrônica húngara, que dá acessibilidade pela internet às obras literárias e científicas húngaras, tornou-se uma unidade orgânica da Biblioteca Nacional. Essa abriga igualmente, a partir de 2002, o programa de catalogação comum das bibliotecas húngaras. Enfim, a Biblioteca Nacional se impõe como um membro ativo da comunidade internacional das bibliotecas, bem como dos organismos profissionais de bibliotecários. Atenta à sua história e à sua tradição, tem sempre como ponto de honra estar presente como instituição às reuniões e congressos especializados na pesquisa do campo da história do livro e das bibliotecas¹.

1. Assinalemos o artigo de Gábor Farkas Farkas: "Il Fondo Antigo della Biblioteca dell'Università Eötvös Lóránd di Budapest (1561–1635)", em *La Bibliofilia*, 2003, CV, 1, pp. 43–76.

LIVRO

Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição

n. 4




Ateliê Editorial

NE
LE

- Frédéric Barbier – *A Cidade, o Príncipe e a Biblioteca*, 213
- István Monok – *Sobre a História da Biblioteca Nacional da Hungria*, 225
- Lenyra Fracarolli – *A Importância da Biblioteca Infantil*, 235
- Magali Oliveira Fernandes – *Entrevista com Rosaly Fávero Krzyzanowski*, 241

ARQUIVO

- Leopoldo M. Bernucci – *Escrevendo Certo por Linhas Tortas: Cartas de Euclides da Cunha para Vicente de Carvalho*, 253

ACERVO

- Cristina Antunes – *Uma Coleção Particular de Literatura de Cordel*, 279
- Ésio Macedo Ribeiro – *Primeiro Caderno do Alumno de Poesia Oswald de Andrade*, 291

MEMÓRIA

- Andrea De Pasquale – *A Oratio Dominica de Giambattista Bodoni (1806)*, 301

ALMANAQUE

- Cláudio Giordano – *Emendas à Bibliografia da Arte de Furtar*, 311
- Alphonse Daudet – *O Último Livro*, 317
- Jean Pierre Chauvin – *Um Ensaio do Jovem Machado de Assis*, 321
– *Machado de Assis – O Jornal e o Livro*, 324
- Geir de Campos – *Meu Encontro com Cecília*, 329
- Walnice Nogueira Galvão – *Oswald Múltiplo*, 333
- Maria Viana – *A “Arte de Perambular com Inteligência” de João do Rio*, 339
– *João do Rio – Os Mercadores de Livros e a Leitura das Ruas*, 343

BIBLIOMANIA

- Marisa Midori Deaecto – *Um Livro, um Sonho*, 351
- Abel Iglesias Castellano – *A Epistolografia em Foco*, 353
- Marisa Midori Deaecto – *Plantin-Moretus*, 357
- Vivian Yoshie Martins Morizono – *História da Imprensa*, 361
- Mariana de Moraes Silveira – *Transferências Culturais*, 371

ESTANTE EDITORIAL, 349

DEBATE

- Beatriz Nogueira, Bianca Monteiro, Isabella Schempp, Juliana Giacobelli – *O Poder do Livro e sua Relação com o Cinema*, 389